

“O professor dá uma mão, abre horizontes e aquece o coração”

“The teacher offers his hand, broadens horizons and warms the heart”

Cláudia Pinto Ribeiro*

Cláudia Pacheco Nóbrega**

RESUMO

Este texto apela às emoções e à formação do carácter na escola, num palco particular: a aula de História. Neste sentido, nossa proposta intitula-se “O professor dá uma mão, abre horizontes e aquece o coração” por retratar os aspectos que identificamos num “bom professor”, ou seja, aquele que é capaz de educar os seus alunos no que respeita à formação do carácter, ao mesmo tempo que os desafia ao oferecer várias visões de um mesmo assunto, tudo isto envolvido numa esfera afetiva. Como palco, a aula de História, lugar privilegiado para o desenvolvimento de uma sensibilidade em relação ao “outro”, numa perspectiva multiplicada pelos diversos pontos de vista que a História nos oferece, no sentido de desenvolver nos alunos a consciência de si mesmo e do *outro*.

Palavras-chave: educação; emoções; aula de História.

ABSTRACT

This text appeals to the emotions and to the formation of the character at school, in a particular stage: History class. In this sense, our proposal is titled “The teacher offers his hand, broadens horizons and warms the heart” for portraying the aspects we identify in a “good teacher”, that is, the one who is capable of educating his students in what regards the formation of the character, while at the same time challenges the students by offering various visions on the same subject, all this while involving them in a caring sphere. As a stage, the History class, a privileged place for the development of a sensibility towards the “other”, in a perspective multiplied by various points of view that History can offer, in the sense that it can develop in the pupils the consciousness of themselves and of the *other*.

Keywords: education; emotions; History classroom.

* Doutora em História. Professora do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da Universidade do Porto. Pesquisadora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM). Porto, Portugal. claudiapintoribeiro@sapo.pt

** Mestre em Ensino de História e Geografia pela Universidade do Porto. Porto, Portugal. claudia.pacheco.nobrega@gmail.com

Atualmente, vivemos uma Escola onde as crianças e os jovens são vistos meramente pelo seu estatuto legal – o de aluno, esquecendo-se que por detrás de cada um existe um ser humano com sentimentos, com emoções, e que esses mesmos são postos de parte e desvalorizados. Então, perguntamo-nos ao ver os jovens no recreio: de que vale ensinar a disciplina se eles não aprendem a base fundamental da vida – aprender a sentir?

É com base nesta grande questão que damos corpo e alma a este artigo: qual é o papel da escola na educação das emoções dos seus alunos?

Para facilitar a resposta a este desafio, decidimos delinear um percurso que se curva perante as perguntas:

- Por que existe a obsessão pela quantificação do saber ao invés da qualificação?
- De que adianta ensinarmos a dialética se não ensinarmos a moral?
- Qual é a importância da formação do carácter dos alunos para a sociedade?

Assim, procurámos alcançar dois objetivos muito claros: por um lado, e através de documentação científica, provar com argumentos fortes o porquê de ser urgente a formação de carácter e a educação emocional na Escola; por outro, provar que a educação emocional é passível de ser realizada na sala de aula sem fugir aos currículos propostos pelo Ministério da Educação, exemplificando com algumas atividades realizadas.

“EDUCAR A MENTE SEM EDUCAR O CORAÇÃO
NÃO É DE TODO EDUCAÇÃO” (ARISTÓTELES)

Nos nossos dias, torna-se cada vez mais perceptível que a maioria dos alunos não vê a escola como um dos seus locais preferidos, sendo evidente que um número crescente de jovens se queixa de sintomas que revelam mal-estar psicológico, tristeza, estresse, insatisfação... Para fundamentar esta ideia, basta consultar o estudo da Organização Mundial de Saúde – *Health Behaviour in School-aged Children* –, coordenado em Portugal por Margarida Gaspar Matos, e que recolheu o testemunho de cerca de 6 de mil adolescentes que manifestam estes sentimentos em relação à escola.¹

Neste contexto de desmotivação, os professores veem a tarefa de ensinar muito mais dificultada, uma vez que é difícil cativar a atenção dos alunos quando as emoções fervilham dentro de si.

MAS, AFINAL, O QUE SÃO AS EMOÇÕES?

António Damásio defende que os sentimentos são a “correspondência entre o que se faz e se diz e aquilo que se tem em mente”, ou seja, no seu mais íntimo significado, é a “ideia [pensamento ou percepção] do corpo a funcionar de uma certa maneira” (Damásio, 2003, p.103).

Por outras palavras, os sentimentos são aquilo que vem depois das emoções, emergindo das mais variadas reações homeostáticas, regulação que não exige qualquer tipo de consciência, raciocínio ou decisão. Assim, as emoções ocorrem muito rápido, como o efeito relâmpago. Já os sentimentos são mais demorados e “são a expressão mental de todos os outros níveis de regulação homeostática” (Queirós, 2014, p.31), ou seja, são aquilo que nós experimentamos sobre uma emoção. Por consequência, Damásio acredita que todas as emoções originam sentimentos, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções (Damásio, 1994, p.157).

Se um professor conhecer minimamente como os sentimentos afetam a capacidade do aluno em reter informação, o seu trabalho será feito com mais precisão e qualidade.

Por exemplo, “a tristeza ... é acompanhada por uma produção reduzida de imagens mentais e por uma atenção excessiva para essas poucas imagens” (Damásio, 2003, p.103). Isto significa que quando presenciamos sentimentos menos positivos não estamos tão dispostos e com tanta atenção a novos conhecimentos. Dessa forma, depositamos demasiada atenção no pouco conhecimento que adquirimos, quando o desejável seria compartilhar essa atenção para novas informações.

Quanto mais felizes os alunos se sentirem, mais envolvidos na aprendizagem eles estarão. Assim, promove-se e desenvolve-se a “memória emocional”, para que, ao estarem embrenhados naquilo que estão a aprender e ao depositarem aí os seus sentimentos, o conhecimento adquirido seja abraçado com mais intensidade e mais duradouro na sua vida.

Percebemos, por isso, que os sentimentos, assim como as emoções, desempenham um papel principal no comportamento social e ético. Desta forma, os sentimentos permitem e garantem que acontecimentos importantes da nossa vida não passem despercebidos – “o passado, o agora e o futuro antecipado tornam-se salientes sob a ação dos sentimentos e têm, assim, uma maior probabilidade de influenciar o raciocínio e a tomada de decisões” (Damásio, 2003, p.204).

O conhecimento do nosso lado sensível permite que possamos evitar acontecimentos associados a sentimentos negativos, bem como nos podem ajudar a procurar situações que nos façam sentir felizes. No fundo, promover o desenvolvimento de boas competências emocionais é importante porque permite a “gestão de forma adequada e flexível, para o autoconhecimento, a comunicação interpessoal, a resolução de problemas e a motivação” (Sá, 2002, p.7).

Isto reforça a ideia de que “existe hoje uma ampla evidência de que as crianças e jovens com uma boa competência emocional estão mais motivados para a aprendizagem” (Sá, 2002, p.15).

MUITAS PERGUNTAS, ALGUMAS RESPOSTAS...

Um professor fez uma experiência perante os seus alunos: pegou numa vasilha de boca larga e colocou algumas pedras grandes. Seguidamente, questionou se a vasilha estava ou não cheia, tendo obtido um sim imediato. Então, pegou num balde de pedregulhos e virou-o dentro do vaso. Os pequenos pedregulhos alojaram-se nos espaços entre as pedras grandes. Quando novamente confrontados com a questão do professor “E agora, está cheio?”, a hesitação antecedeu o sim.

Continuando, o professor levantou uma lata de areia e começou a despejá-la dentro do vaso. A areia preencheu os espaços entre as pedras e os pedregulhos. E, pela terceira vez, o professor perguntou se o vaso estava cheio ou não. Agora, a maioria dos alunos estava receosa, mas, novamente, muitos responderam que sim. Finalmente, o professor pegou num jarro com água e despejou o líquido dentro do vaso. A água encharcou e saturou a areia. Neste ponto, o professor pediu a um aluno que repetisse a experiência, entregando-lhe outro vaso igual ao primeiro, e a mesma quantidade de pedras grandes, de pedregulhos, de areia e de água. Deu-lhe também a indicação que colocasse os ingredientes em sentido inverso. O aluno começou a experiência colocando a água, depois a areia, depois

os pedregulhos e por último, tentou colocar as pedras grandes. Verificou, surpreso, que elas não couberam no vaso. Ele já estava repleto de coisas menores.

Então, o professor salientou o objetivo da demonstração, dizendo: A menos que, em primeiro lugar, sejam colocadas as pedras grandes dentro do vaso, nunca mais conseguiremos colocá-las lá dentro. As pedras grandes são as coisas realmente importantes da tua vida: o crescimento pessoal. Quando dás prioridade a isso e manténs-te ‘aberto’ para o novo, as restantes coisas ajustar-se-ão por si só: os teus relacionamentos (família, amigos), as tuas obrigações (profissão, afazeres), os teus bens e direitos materiais e todas as demais coisas menores que completam a vida. Mas, se preencheres a tua vida somente com as coisas pequenas, então aquelas que são realmente importantes nunca terão espaço na tua vida. (Azevedo, 2002, p.28)

A ideia central do texto diz-nos que a nossa função é colocar as “pedras grandes” nos alunos, isto é, desenvolver as suas bases de forma a fomentar o mais importante e essencial que existe na vida: “o crescimento pessoal”.

Por isso, o que se entende por educação? Qual é o papel da escola? O que é ser um bom professor? Estamos a formar alunos ou a construir cidadãos? Que pedagogia adotar?

Savater (1997, p.29) recorre a uma citação de Graham Greene quando diz que “ser humano é também um dever”. Aqui, o adjetivo “humano” torna-se facilmente num adjetivo, ou seja, mais do que uma classe de mamíferos descendente dos macacos, somos o único ser vivo cuja existência vai muito para além da nossa determinação genética – a humanidade.

Formalmente, como Savater (1997) defende, os professores não são o mundo, as coisas, nem a cultura, mas são a “vinculação intersubjetiva com outras consciências”, ou seja, são os agentes que fazem a ligação entre tudo aquilo que respeita a qualquer cidadão.

Assim, a neotenia, isto é, a “plasticidade ou disponibilidade juvenil” (aquilo a que a pedagogia denomina por “educabilidade”), implica que o ser humano complete o seu individual com o social. Isto significa que todos nós, desde que viemos ao mundo, absorvemos aprendizagens da nossa cultura para que nos pareçamos com os nossos semelhantes, quase como se fosse um exercício de mímica. Se aprendemos com o que o outro faz, então temos de promover uma educação de valores na Escola para que todos sejamos exemplos uns dos outros. Desta forma, a primeira coisa que a educação nos transmite é que nós

não somos únicos e, como tal, temos de aprender a viver com o *outro*, tornando-nos seres sociais.

Não é por acaso que a Unesco defende que o saber racional tem de ser complementado pelo emocional, com vista à vida em sociedade. Deste modo, Jacques Delors (1996, p.89) definiu os quatro pilares da educação: “Para poder dar resposta ao conjunto das missões, a escola deve organizar-se à volta de quatro pilares fundamentais que, durante toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comunidade e aprender a ser. Este último é a via essencial que integra os três precedentes”. Apesar disso, atualmente, os programas e currículos de ensino tendem a dar primazia aos conhecimentos científicos ou técnicos para fins laborais.

E QUAL É, AFINAL, O PAPEL DO PROFESSOR NA SOCIEDADE ATUAL?

Valter Hugo Mãe (2012) relembra que, nos seus tempos de aluno, via a escola como o “lugar perfeito de liberdade intelectual [e de] de liberdade superior, onde cada indivíduo volta a encontrar o seu mais genuíno e honesto caminho”. Mas será que tem vindo a ser o local que ensina, acima de qualquer outra coisa, os valores morais e éticos essenciais à vida em sociedade?

Savater (1997) afirma que nascemos humanos, mas isso não basta: temos também de chegar a sê-lo”. Assim, é conveniente promover uma educação que se preocupe em “compreender cada indivíduo imbuído da sua cultura, da sua sociedade, da/na sua espiritualidade, no seu contexto histórico” (Ferro, 2014, p.147), pois ser professor passa por promover uma boa educação, e uma boa educação será aquela que privilegiará o ser humano enquanto pessoa, e não como um mero portador de cérebro pronto a armazenar conhecimento técnico-científico. Ser professor passa por formar pessoas sensíveis, tolerantes e empenhadas na construção da sua própria existência.

Cada vez que um aluno, professor ou funcionário escolar entra pelos portões do estabelecimento de ensino, é pressionado a deixar os seus problemas pessoais do lado de fora das grades, de modo a que os seus sentimentos sejam “silenciados, confinados à esfera privada, controlados e objetos de punição” (Santos Guerra, 2006, p.13). É irónico que seja assim se pensarmos que dentro

da escola nascem e cultivam-se novos sentimentos através das relações estabelecidas.

Deste modo, e no caso da nossa área profissional, nem os professores são “máquinas de ensinar” nem os alunos são “engenhocas de aprender e alcançar bons resultados” (Santos Guerra, 2006, p.16). Somos todos seres humanos com uma história, com sentimentos de felicidade e outros que nos fragilizam.

Numa altura em que a escola se preocupa mais em ter alunos inteligentes do que em ter alunos felizes, é conveniente questionarmo-nos sobre o que é ser inteligente. O conceito é profundamente discutível, mas geralmente associa-se um indivíduo inteligente a alguém que tira boas notas nos testes.

No entanto, é estranho pensar que alguém é inteligente só porque tirou excelente nota em determinado teste, mas que é incapaz de manter uma conversa interessante com os amigos.

Perante este debate sobre o que é a inteligência, Santos Guerra (2006, p.19) propõe a seguinte definição: “inteligência é a capacidade de resolver um problema ou de produzir bens que tenham determinado valor num contexto cultural ou coletivo concreto”.

Mesmo com a evolução das investigações que valorizam a educação emocional, o facto é que os sentimentos continuam a ocupar uma face oculta da organização escolar, que “não são para questionar, nem analisar” (Santos Guerra, 2006, p.37).

Natural da idade ou não, a verdade é que a maioria dos nossos adolescentes vivem numa ansiedade constante, causada essencialmente pelas suas preocupações relativamente à aceitação (aceitarem-se a si mesmos e serem aceites pelos colegas). Numa cultura de ocultação das emoções, que muitas vezes as ridiculariza, estes jovens sofrem e não têm coragem de contar a alguém aquilo que lhes consome a alma, e isso tem efeitos no processo de aprendizagem.

Promover uma educação que reconheça e valorize o que os *miúdos* sentem é ensinar os alunos a viver. O reconhecimento das próprias emoções leva a que formemos seres humanos capazes de amar e de ser felizes, ao mesmo tempo que aprendem a lidar com a raiva e a tristeza sem se sentirem ridicularizados por isso.

Não podemos esquecer que, embora as crianças ganhem a denominação e estatuto de “aluno” por volta dos 5 ou 6 anos idade com a entrada para a

escola, continuam a ser seres humanos que pensam e que sentem, e isso tem sido esquecido na Escola.

COMO PODEMOS PROMOVER A EDUCAÇÃO EMOCIONAL EM CONTEXTO DE SALA DE AULA?

Para começar, é errado pensar-se que a maturidade emocional se adquire espontaneamente. Com a finalidade de promover a felicidade dos alunos mediante o seu desenvolvimento completo, aceitando-se a si mesmo e aos outros, a educação emocional exige uma intencionalidade, planificação e cooperação. Assim sendo, todas as estratégias têm de ser devidamente pensadas e sempre tendo em consideração as características do público-alvo. Sem a colaboração de todos os intervenientes, o desenvolvimento integral da pessoa proposto pela educação emocional poderá ficar comprometido.

Apesar de a educação emocional se dever processar ao longo da vida, na escola deve suceder-se mediante a planificação curricular e a metodologia docente, tal como outras competências e atitudes.

Trabalhar educação emocional em sala de aula é possível e é um dever. Primeiro, porque os professores têm a possibilidade de fazer o diagnóstico e exercem influência sobre os alunos. Não é difícil lembrarmo-nos daquele professor que acreditou verdadeiramente em nós e elevou a nossa motivação face a determinado assunto ou em relação à vida. Deste modo, somos capazes e responsáveis por levantar a autoestima e a confiança dos nossos alunos quando estes se sentem incapazes e, conseqüentemente, se autodestroem. Tal como Santos Guerra (2006, p.50) defende, “sem fracasso [e] sem dor o ser humano nunca chegaria a ter consciência de si mesmo. Mas é preciso que a dor não destrua, [mas sim] que ensine e liberte”.

Tal como defende Santos (2012), a educação emocional relaciona-se com a importância e a tomada de consciência de questões como as atitudes positivas face à vida, o saber-estar, gerir fracassos e frustrações, colaborar com climas de bem-estar e aquisição de competências sociais e de tolerância. O desenvolvimento das competências emocionais deve ser uma preocupação primordial, pois podem ser determinantes para a vida pessoal e social e, conseqüentemente, para o percurso escolar.

Um plano de formação não deve acabar sem uma proposta de avaliação. Considerando que “avaliar é obter informação, compará-la, interpretá-la e utilizá-la para melhorar” e não como mero instrumento de medição, os critérios a considerar deverão ter como referência os valores sociais e as características e desenvolvimento do sujeito. Para tal, deve-se ter em conta a realização de tarefas que nos permitam aproximar das situações emocionais individuais, como debates, dilemas, situações de vida e casos limites, entre outros.

No entanto, ao se fazer a passagem da teoria para a prática, muitas mudanças terão de ocorrer para atingir uma melhoria, e o problema consiste em “conseguir reparar o barco sem suspender a navegação” (Santos Guerra, 2006, p.56), e assim chegamos à fase da proteção da nossa “investigação arqueológica”.

É primordial modificarem-se mentalidades para, só posteriormente, se mudarem os discursos. Perante a situação atual da profissão docente, os professores tomam uma atitude negativa de rejeição da escola, do ensino e dos alunos. Vendo a comunicação como um ato imprescindível na educação, é impossível estabelecer uma boa relação com os alunos se um dos lados está enfermo. Isso é visível ao pensarmos naqueles professores que confundem o conceito de respeito com o de autoridade, considerando-a como um poder e não como uma necessidade hierárquica. De facto, relativamente a este assunto, conhecemos as posições de confronto, com “os mais tradicionalistas a tentar recuperar o papel ... de autoridade do professor no processo de transmissão de conhecimento ao qual os alunos devem procurar adaptar-se”, e com os mais contemporâneos a defenderem que “a aprendizagem se deveria centrar por completo nos alunos e nas suas características, apresentando-se o professor como mero facilitador ou catalisador de tais aprendizagens” (Guinote, 2014, p.23).

Mas são necessários outros ajustes estruturais. Falamos, por exemplo, do aumento da qualidade da formação de professores, ou da modificação da atitude dos docentes face ao sistema educativo, e até de renovar a decoração das salas de aulas, que, se por um lado, no infantário são preenchidas por motivos sugestivos que vão ao encontro dos interesses dos alunos, de repente veem-se em recintos austeros, com cores “frias” que em nada os motivam a ir às aulas, e “não podemos esquecer que o clima, essa vertente difusa mas influente, é fruto da interação de condições ambientais, cognitivas e afetivas” (Torres, 2002, p.78).

ESCOLAS DIFERENTES DAS OUTRAS

Em Portugal, temos algumas iniciativas empenhadas em fazer a diferença e onde a criança é vista para além do estatuto de “aluno”. Em Leiria, foi criada, em março de 2014, a *Escola das Emoções*, com trabalho realizado no Jardim-Escola João de Deus. Esta iniciativa, além de formações, *workshops* e palestras para pais e filhos, aposta em jogos e dinâmicas de grupo para trabalhar emoções e sentimentos com as crianças. Tal como sublinha Ricardo Cardoso, vice-presidente da Associação Escolas das Emoções e psicólogo, “sentir emoções é algo que não podemos evitar, é como respirar. No entanto, são poucas as pessoas que se dedicam a perceber como sentimos as emoções, qual a razão do seu aparecimento [e] que efeitos têm no nosso corpo. São esses os primeiros passos na educação emocional”.²

Outro exemplo é o colégio *Os Aprendizizes*, em Cascais. Na sua página *web*³ é possível ver que a missão a que se propõe passa por “apoiar as crianças para que felizes, cresçam intelectual, emocional, social e fisicamente”.⁴

Outra diferença neste colégio é a disposição da sala de aula, em que os alunos se sentam numa mesa redonda, contrariamente à disposição tradicional, em que as mesas estão alinhadas de frente para o professor. Assim, a ideia de Torres (2002) de que o clima é muito importante no processo de aprendizagem é reforçada.

Além disso, ocorre uma assembleia todas as sextas-feiras. Aqui, as crianças responsabilizam-se pelas suas decisões, discute-se em voz alta o que correu bem ou o que podia ter corrido melhor nessa semana. No fundo, valoriza-se o que a criança pensa, conferindo-lhe mais responsabilidade e desenvolvendo a capacidade de se exprimir perante os outros, respeitando-os.

N’*Os Aprendizizes* a criança é vista como um todo, que “está na escola para se desenvolver numa série de áreas, e as competências académicas são apenas algumas dessas áreas”.⁵

Um último exemplo português de “escola diferente” é a *Escola da Ponte*, em Santo Tirso, uma escola pública. Aqui, os professores rodam pelos diferentes espaços, de forma a poderem trabalhar com todos os alunos. Por outras palavras, não há turmas, mas grupos com interesses comuns, e o docente não tem um grupo atribuído, sendo professor de todos os alunos.

Também aqui o ambiente é diferente, uma vez que não existem paredes a separar os diversos anos de escolaridade. Existem espaços onde são disponibilizados diversos recursos destinados a pequenos grupos com interesses por determinado assunto e que, com a orientação de um professor, estabelecem um programa de trabalho com duração de 15 dias. É, portanto, uma escola que trabalha numa lógica de projeto e de equipa, preparando as crianças para viverem com outros seres humanos.

Ser inteligente está muito para além de obter boa nota nos testes. Uma pessoa inteligente é aquela que, perante uma situação nova, vê seus aspectos e

abre-se perante eles, tenta compreender com a mente e com os sentidos tudo o que pode sobre eles; pensa *no assunto*, em vez de pensar em si própria ou no que isso pode causar-lhe; agarra-se a ele destemida, imaginativamente e com desembaraço e, se não o faz com confiança, pelo menos fá-lo com esperança; se não conseguir dominá-lo, enfrenta sem vergonha nem medo os seus erros e aprende com eles. (Holt, 2001, p.223)

Sem dúvida os livros são materiais essenciais na aprendizagem, mas estão longe de serem suficientes. Ensinar com o coração, colocar os alunos a viverem a sua vida com a dos outros, contribuir para que sejam felizes e para que façam os outros felizes... Esse sim, é o verdadeiro papel do professor, da Escola, da educação.

QUALQUER TEORIA SÓ ENCONTRA O SEU SIGNIFICADO SE COLOCADA EM PRÁTICA...

A educação emocional pode ganhar diversas formas e ser alvo de prática em contexto escolar. Passamos a mostrar quatro experiências que formam uma sequência, realizadas numa turma de 9º ano, no ano letivo de 2015/2016, na disciplina de História.

A primeira experiência trata-se de um documentário intitulado “Auschwitz: pequenos grandes aspetos”, realizada em contexto de sala de aula. São 30 minutos de testemunhos reais de vítimas e elementos das forças de segurança nazis do Holocausto, inseridos aquando da lecionação do tema “J.3. A Segunda Guerra Mundial”, com a finalidade de abordar o rigor histórico e a vertente humana deste passado doloroso.

Ao longo do seu visionamento, foi entregue aos alunos um guião em formato *short list*, constituído por uma grelha de duas colunas – do lado esquerdo eram apresentados excertos e imagens do documentário, e a coluna da direita era reservada aos comentários dos alunos.

Na análise destes guiões, é possível verificar que a parte do documentário que mais marcou os alunos remete para a cena em que é questionado a um ex-SS se estaria arrependido dos atos cruéis cometidos nos campos de concentração, o qual, friamente, responde: “De forma alguma. Cada um cuida do seu nariz”. Deste modo, aproveitámos esta cena para pôr em prática a educação emocional, e foi possível ver os seus resultados através de comentários dos alunos.

Damos dois exemplos:

- Os sobreviventes não querem que o seu passado influencie o futuro dos seus filhos.
- Podemos afirmar que o Holocausto, apesar de temporalmente distante, continua a refletir-se nos dias de hoje com acontecimentos semelhantes, apesar de menos frequentes. Nós ficamos a assistir como espectadores, mas quem sabe se as próximas vítimas somos nós?

Nas afirmações destes alunos é possível verificar certo nível de maturidade ao equacionar o passado com o presente, sobretudo porque aquando do visionamento deste documentário, a 11 de março de 2015, os ataques por parte de *ihadistas* eram as primeiras notícias em todos os telejornais. Além disso, é possível denotar um alerta e preocupação para o papel passivo que nós, cidadãos que vivemos longe desses ataques, assumimos.

A partir da exploração desse documentário, e aproveitando a lecionação do mesmo tema, passamos à segunda experiência. Tratou-se do visionamento do filme *O pianista* (2002), de Roman Polanski. Por ser um filme de extremo rigor histórico e com profunda carga emocional, torna-se bom exemplo de como podemos rentabilizar a disciplina de História para explorar a educação emocional. Foi realizado um guião de exploração com várias questões, todas de resposta aberta para que os alunos pudessem demonstrar a sua opinião, mas de forma orientada.

Na análise aos guiões, podemos verificar que há duas cenas do filme que marcaram particularmente os alunos.

A primeira cena decorre no *gueto*, um campo de concentração de judeus construído dentro da cidade, com o objetivo de agregar todos os judeus num só espaço. Era um território onde a miséria era uma realidade constante. Aqui, um mendigo judeu tenta roubar uma panela de sopa a uma outra judia, também muito pobre, que por ali passava. Ao tentar roubar a panela, esta cai ao chão e a sopa derrama-se pela rua. O “ladrão” (e as aspas não são colocadas ao acaso) ajoelha-se e come a sopa do chão, tal era o desespero por comida.

Considerada pelos alunos como um retrato de “extrema pobreza”, esta cena do filme permitiu fazer debates morais e éticos, especificamente através dos dois comentários que passamos a mostrar:

- Eu penso que é um mau ato, porque o mendigo para sobreviver, retirou o meio de sobrevivência a outra pessoa, e isso é egoísmo. A outra pessoa pode ter morrido à fome por causa dele.
- Eticamente, este ato não é condenável, porque roubou a sopa para sobreviver.

Outra cena que marcou muito os alunos ocorre quando o pianista, o judeu em fuga, é confrontado por um soldado nazi e que, ao contrário do esperado, o ajuda a esconder-se e a sobreviver. Questionados se, afinal, poderão ter existido soldados nazis bons, muitos alunos abordaram a questão da “lei da guerra”. Assim, e passando a citar um dos alunos, “provavelmente, existiam ‘soldados nazis bons’, só que alguns não demonstravam isso porque eram obrigados a matar para não serem mortos”.

Para terminar o guião, a última questão pedia que os alunos comentassem a frase “O mundo é uma nova orquestra”.

- O mundo é uma nova orquestra porque tal como uma orquestra é preciso trabalhar sempre em sintonia, e é necessário haver coordenação. É assim que o mundo tem de ser ou trabalhar para atingir o sucesso e não permitir que tais coisas como as que aconteceram aos judeus se repitam.

O comentário que passamos a desvendar dispensa qualquer tipo de apreciação.

Na sequência das experiências anteriores, surge, em contexto de interdisciplinaridade com Educação Moral, a realização de trabalhos de grupo, em que o seu conjunto formava um dossiê denominado de “Esta vida vale o mesmo que a nossa”. Trata-se de quatro vídeos em que os alunos teriam de explorar

temas da história do presente nas suas vertentes histórica e humana. Os temas abordados foram: “O Estado Islâmico e os conflitos religiosos atuais”; os “Refugiados do Mediterrâneo”; a “Guerra da Síria”; e “O Agente Laranja continua a fazer efeitos”.

Nesta experiência, foi possível rentabilizar a disciplina de História e estabelecer uma ligação com Educação Moral, tendo como finalidade o desenvolvimento da prática de educação emocional em contexto escolar.

A última experiência serve de “remate” das três anteriores. Falamos da realização de um colóquio na escola, intitulado de “A Escola na educação das emoções”, dirigida a professores, pais e alunos.

Foi uma tarde com um programa preenchido que permitiu um debate necessário sobre a urgência da educação das emoções na escola. Os temas tratados foram “A influência das emoções no processo ensino-aprendizagem”; “Aprender a sentir na disciplina de História”, “Territórios afetivos no processo migratório. Educação para uma cidadania geográfica das emoções”; “A importância da educação de valores na Escola”; “Cinco lições de coisas (de vida)”. No entanto, o maior realce neste colóquio foi para os alunos do 9º ano que puderam mostrar os seus vídeos realizados na atividade “Esta vida vale o mesmo que a nossa” à comunidade escolar. Este aspeto é de profunda importância, uma vez que permitiu dar voz aos alunos, fazer com que eles sintam que o seu trabalho é reconhecido e mostrar aos demais intervenientes na escola que vale a pena desafiar os alunos e rentabilizar as diversas disciplinas tendo em vista a finalidade de uma educação emocional.

VAMOS OUVIR OS MIÚDOS!

Considerando importante saber ouvir e tentar perceber o que sentem os nossos alunos sobre tudo aquilo que realizam na escola, pedimos que dessem a sua opinião sobre os trabalhos realizados nas várias experiências aqui demonstradas. Passamos a citar algumas respostas.

- Estes trabalhos permitiram a alteração da minha concepção sobre a disciplina, pois à entrada para este ano letivo sabia que seria o meu último enquanto estudante de História. Entrava para as aulas de uma forma pouco entusiástica, porque tinha na mente que a disciplina de História era uma ‘seca’ e que a única maneira de estudar era decorando.

Com estes trabalhos, percebi que a disciplina não necessita de ser decorada, mas sim compreendida porque tudo tem a sua razão de ser. Aprendi também que para compreender História temos que entrar dentro dela e, por vezes, vestir a pele das pessoas daquela época, como aconteceu com o filme *O pianista*, onde vestir a pele do personagem principal e da sua família e amigos era a melhor maneira de compreender aquela tragédia.

- Antes da realização destes três trabalhos, nunca dei importância à disciplina de História. Ajudaram-me a ter uma ideia diferente e também a descobrir que o que aprendíamos nas aulas de História não era apenas algo do passado, mas fazia parte do presente. Só sabemos o que somos se conhecermos a História dos nossos antepassados e esta disciplina é um bem para descobrirmos isso. E é claro que mudou completamente a minha concepção sobre a disciplina e a forma de estudá-la.
- Antes da realização destes três trabalhos, nunca dei importância à disciplina de História. Ajudaram-me a ter uma ideia diferente e também a descobrir que o que aprendíamos nas aulas de História não era apenas algo do passado, mas que fazia parte do presente. Só sabemos o que somos se conhecermos a História dos nossos antepassados e esta disciplina é um bem para descobrirmos isso. E é claro que mudou completamente a minha concepção sobre a disciplina e a forma de estudar.

Uma escola que eduque para os sentimentos é muito importante, aliás, a escola educa-nos para aquilo que vamos ser enquanto cidadãos e pessoas. Quando estamos ligados a uma escola que seja próxima dos alunos, que se preocupe não só com as suas notas mas sim com aquilo que eles sentem, se têm problemas, se têm amigos... É esta proximidade que muitas vezes não existe, tornando-se algo impessoal, algo frio. Por isso é tão importante que a escola se preocupe com as emoções e sentimentos dos alunos, porque alunos motivados são melhores alunos.

O PESO DAS ATITUDES NA ESCOLA

Considerando a educação emocional como “o processo educativo, contínuo e permanente, que pretende potenciar o desenvolvimento emocional

como complemento indispensável ao desenvolvimento cognitivo, constituindo ambos elementos essenciais ao desenvolvimento da personalidade integral” (Bisquerra, 1999, p.243, citado por Torre, 2002, p.73), é chegado o momento de refletir e proferir algumas considerações finais acerca desta temática.

Sabendo que no plano curricular dos Mestrados de Ensino existem unidades que se intitulam por “Didática”, onde são ensinados os conteúdos a trabalhar e a avaliar numa sala de aula – temáticos, procedimentais e atitudinais –, a verdade é que apesar de os conteúdos atitudinais, isto é, os valores que são desenvolvidos a partir de determinado conteúdo da aprendizagem, estarem presentes na avaliação do aluno, o seu peso final é bastante reduzido em relação aos conteúdos temáticos e procedimentais, já para não falar do inadequado tratamento da sua aprendizagem (e como é possível avaliar os conteúdos atitudinais de um aluno se não o ensinamos acerca disso?).

Além disso, e tal como Holt (2001, p.194) nos alerta, os professores e as escolas têm tendência a confundir o bom comportamento com o bom caráter. Deste modo, na grande maioria das vezes, os alunos com melhor comportamento são os miúdos mais dóceis, aqueles que fazem tudo o que o professor quer, mesmo sem que lhes seja pedido. Mas será a docilidade significado de bom caráter? Um aluno pode ser mais “rebelde”, ter mais dificuldade em obedecer, mas isso significa que ele é má pessoa? Estas questões levam-nos a crer que se continuarmos na ideia de que os submissos é que possuem um melhor caráter, então a educação emocional perde todo o seu valor.

Importante será questionar sobre o motivo que possa justificar a obsessão pela quantificação do saber (o saber mais coisas com melhor pontuação final).

Uma das razões poderá estar ligada com os fins laborais ou com a necessidade de competição entre escolas ou em relação a outros países – falamos dos *rankings*. Isto torna-se irónico na medida em que nós, professores, estamos constantemente a aconselhar os alunos a não serem competitivos porque têm de aprender para si próprios e para o seu reconhecimento pessoal, quando na verdade sabemos que quanto mais melhores alunos tivermos, mais bem posicionados ficamos em relação a outros. Além disso, a quantificação do saber e a conseqüente competitividade refletem-se ainda mais no acesso ao Ensino Superior. Os alunos que pretendem seguir os estudos sabem bem da dificuldade em ter acesso às melhores faculdades públicas e, por isso, certamente

pensarão: de que me adianta ter um bom caráter se o que conta é a média? É impossível julgá-los quando é o sistema educativo que assim obriga. Mais uma vez, este exemplo obriga-nos a refletir sobre uma maior ponderação e um aumento de peso na avaliação dos conteúdos atitudinais.

EDUCAR E INSTRUIR: BALANÇA EQUILIBRADA?

Educar e instruir, independentemente da disciplina, passa por formar bons cidadãos, ou seja, pessoas que pensam, que refletem, que são críticas e que sabem argumentar. São, também, seres sociais, pessoas que têm de saber viver em comunidade, que aceitam e toleram a diferença e que tentam entender as ações dos outros. São pessoas que vão para além dos conhecimentos técnicos que possuem, que desenvolvem e gerem as suas emoções em prol de um planeta mais agradável para se viver.

De nada nos vale ter jovens bem-sucedidos academicamente, se eles acabarem por ser pessoas que gostam de falar de grandes generalidades, mas que ficam caladas ou indignadas se alguém lhes pedir exemplos daquilo que estão a dizer; ou se na discussão de assuntos mundiais, utilizam ou inventam palavras “rebuscadas”, que só se percebem com recurso ao dicionário, sem pensar realmente no que estão a dizer. É, por exemplo, o caso de políticos que falam nos canais de televisão sobre as atuais questões dos refugiados do Mediterrâneo – utilizam palavras raramente ouvidas, que aparentam um grande conhecimento técnico e uma boa formação académica, mas, na realidade, não estão a pensar no sofrimento e na dor que essas palavras implicam.

Precisamos de nos questionar mais vezes sobre tudo o que fazemos na Escola.

“Onde estamos a tentar chegar? E isto que estamos a fazer está a ajudar-nos a chegar lá?” Será que fazemos uma coisa para ajudar as crianças e porque podemos ver que o que fazemos está a ajudá-las? Ou será que o fazemos porque é um método barato e convencional para a escola, para os professores e para os administradores? Ou será ainda porque é o que toda a gente faz? (Holt, 2001, p.191)

Não sejamos o tipo de professores que só exerce a profissão pelo salário ao fim do mês. É uma profissão que lida com as crianças e com os jovens – as

futuras gerações. Somos parte fundamental das suas vidas, e não podemos desprezar a formação do seu caráter, nem deixar de lado os seus sentimentos. Então, olhemos para eles como tal, como seres humanos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ivete. A Escola Precisa de Inteligência Emocional? In: SÁ, I.; HENRIQUES, A.; DAMÁSIO, A.; AZEVEDO, I.; GOLEMAN, D.; NETO, L. et al. *Educação emocional*. Lisboa: Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade, 2002. p.27-38.
- DAMÁSIO, António. *Ao encontro de Espinosa*. 2.ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- _____. *O erro de Descartes*. 23.ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
- DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. In: RELATÓRIO PARA A UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 1996. Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>; Acesso em: 3 jul. 2015.
- FERRO, Maria Jorge. Um exercício de memória(s): 40 anos a viver pela educação, pela cidadania. *Revista Estudos do século XX*, v.14, 2014.
- GUINOTE, Paulo. *Educação e liberdade de escolha*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.
- HOLT, John. *Dificuldades em aprender*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- MÃE, Valter Hugo. Autobiografia imaginária – Valter Hugo Mãe. *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano XXII, n.1095, 19 set. 2012. Disponível em: <http://www.spgl.pt/os-professores-valter-hugo-mae>; Acesso em: 12 mar. 2015.
- NÓBREGA, Cláudia. *A teacher takes a hand, opens a mind and touches a heart: a educação emocional na sala de aula*. Relatório de Estágio (Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, 2015.
- QUEIRÓS, Manuela. *Inteligência emocional*. Porto: Porto Ed., 2014.
- SANTOS, Joana. *Em busca de uma identidade profissional*. Relatório (Estágio Profissional) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto. Porto, 2012.
- SANTOS GUERRA, Miguel. *Arqueologia dos sentimentos*. Porto: ASA, 2006.
- SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- TORRES, Rosa. *Aprendizaje a lo largo de toda la vida: un nuevo momento y una nueva oportunidad para el aprendizaje y la educación básica de las personas en el sur*. Buenos Aires: ASDI, 2002.

NOTAS

¹ Disponível em: <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/os-adolescentes-portugueses-tem-um-problema-com-a-escola-e-tem-piorado-1726154>; Acesso em: 16 mar. 2016.

² Informação publicada no jornal semanário “Região de Leiria”. Disponível em: <http://www.regiaodeleiria.pt/blog/2014/12/31/primeira-escola-de-emocoes-do-pais-abre-portas-em-leiria>; Acesso em: 10 jan. 2015.

³ Disponível em: <http://www.osaprendizes.pt>; Acesso em: 5 set. 2015.

⁴ Informação publicada na notícia “Desafiar o sistema para voar mais longe”, do jornal *I*. Disponível em: <http://ionline.pt/401024?source=social>; Acesso em: 24 ago. 2015.

⁵ Informação presente no *website* do colégio “Os Aprendizes”. Disponível em: <http://www.osaprendizes.pt/Ficheiros.ashx?i=14286>; Acesso em: 5 set. 2015.

Artigo recebido em 31 de março de 2016. Aprovado em 27 de maio de 2016.